

ARQUITECTURA



neste
número :
o I congresso
nacional
de arquitetura

ARQUITECTURA

Números atrasados desde o
n.º 1 (2.ª série)

Cada N.º 7\$50

Em séries de 12 95\$00



Preço especial para os assinantes :

Portugal e Espanha 6 números 42\$00

» » » 12 » 80\$00

Colónias Portuguesas e Brasil 12 » 100\$00

Outros Países 12 » 120\$00



PEDIDOS PARA :

TRAV. DAS MERCÊS, 10 — LISBOA

ARQUITECTURA

S U M Á R I O

ARQUITECTURA

Moradia para Cercaveiros. Arq. Ruy d'Albuquerque	11
Moradia na Suíça. Arqs. Carlo e Rino Temi	18
Prédio em Budapeste. Arq. Janos Wenner	20

ARTIGOS

I Congresso Nacional de Arquitectura	2
Carte de Ateñas (Continuação)	15

SECÇÕES

Artes Plásticas. Jorge Vieira	8
Cartas de Leitores	17
Livros e Revistas	22
Ecos e Notícias	23

DIRECTOR: P. PEREIRA DA COSTA - EDITOR: ARQUITECTO JOÃO SIMÕES - PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, L. C. A. T. LDA. - COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SOC. TIPOGRÁFICA, LDA., TRAVESSA DAS MERCÊS, 4 A 10-LISBOA - ADMINISTRAÇÃO (PROVISÓRIAMENTE): TRAVESSA DO SEQUEIRO, 4, R/C LISBOA TELEF. 24989 - GRAVURAS DA FOTOGRAVURA ARTÍSTICA, LDA., RUA DAS GÁVEAS, 67, 1.º ESQ. - ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 6 NÚMEROS, 42200; 12 NÚMEROS, 20200 - COLÓNIAS PORTUGUEZAS E BRASIL: 12 NÚMEROS, 100200 - OUTROS PAÍSES, 12 NÚMEROS, 120200 AS ASSINATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE E INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO.

ANO XXII • 2.ª SÉRIE • NÚMERO 29 • FEV. E MARÇO 1949

ESTE NÚMERO DE "ARQUITECTURA" FOI ORGANIZADO PELOS ARQUITECTOS MANUEL BARREIRA, VICTOR PALLA E BENTO D'ALMEIDA

I CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA

No I.º Congresso Nacional de Architectura, organizado pelo Sindicato Nacional dos Architectos sob o alto patrocínio do Governo, foram tratados dois temas de excepcional importância: «A Architectura no Plano Nacional» e «O Problema Português da Habitação».

Quiz a quase totalidade dos architectos portugueses trazer a sua contribuição ao estudo destes problemas, tomando, assim, as decisões do Congresso como que o significado de uma manifestação unânime e solene das aspirações da Classe.

Julgam os architectos ter contribuído para o bem comum, quer enunciando as bases para a promulgação de medidas tendentes a promover o desenvolvimento da Architectura Nacional em toda a plenitude da sua beleza e utilidade, quer estabelecendo normas para regular a sua actividade profissional.

Aos intuitos tão claramente manifestados pelas altas esferas oficiais no sentido de patrocinar os objectivos da Classe, expressos através deste Congresso, corresponderam os architectos com o estudo de assuntos que reputam do maior interesse para o País. Confiam, assim, que a seriedade, a elevação e o propósito de bem servir que nortearam todo o trabalho realizado possam ser devidamente reconhecidos.

Nas teses e nas sessões do Congresso foram debatidos problemas relativos à generalização da cultura artistica e à formação dos architectos; frizou-se a necessidade de criar e de remodelar certos Organismos oficiais, para assegurar uma orientação mais correcta e eficiente aos problemas da Architectura e do Urbanismo no Continente e no Ultramar; definiram-se medidas de carácter geral e particular susceptíveis de permitirem uma melhor accção profissional; debateu-se o problema da feição nacional dos novos edificios; analisaram-se as condições francamente deficientes em que se aloja grande parte das populações urbanas e rurais e a ineficácia de certas medidas tomadas para debelar essa grave crise. Sobre esta matéria acentuou-se, especialmente: que a habitação, tendo em vista os superiores interesses do País, deverá ser racionalmente estudada em função das necessidades materiais e espirituais dos individuos e agregados familiares, abolindo-se, para tanto, os preconceitos económicos, morais e outros que a cristalizaram em formas inadequadas ou de inviável generalização; que os novos aglomerados urbanos em que essas habitações se integrem deverão ser planeados em moldes racionais de Urbanização moderna, eliminando-se, embora gradualmente, fórmulas de há muito condenadas, mas de uso corrente entre nós; que os benefícios e as alegrias tão pródigoamente oferecidos pela Natureza devem voltar para o alcance imediato dos homens, assegurando-se, para isso, aos edificios uma boa insolação, desafogo, e rodeando-os de arvoredo, quanto possível; e ainda que só uma industrialização eficiente da construção civil e um adestramento profissional adequado dos técnicos e dos operários permitirá levar a cabo a extraordinária tarefa de dar casas económicas, higiénicas e confortáveis a todos os que necessitam delas. Finalmente e no que respeita ao estudo e realização dos problemas da Architectura e do Urbanismo, foi posta em evidência a necessidade de estimular a colaboração entre architectos, engenheiros e todos os demais técnicos que devem intervir nestes assuntos.

Debatidos estes problemas, o Congresso formulou, por unanimidade, as seguintes

Era nossa intenção — desde que terminou este notável Congresso que em Junho de 1948 reuniu em Lisboa a maioria dos architectos do País — publicar as suas conclusões e votos. Só agora o fazemos porque só há pouco tempo foram apresentadas oficialmente. Publicaremos noutros números algumas das teses.

CONCLUSÕES E VOTOS

QUANTO À DIVULGAÇÃO E AO ENSINO :

— Que se promova a divulgação, junto de todas as classes sociais e nos vários graus do ensino, de conhecimentos gerais de Arte e particularmente de Architectura e de Urbanismo, como meio de fomentar uma intervenção mais vasta e esclarecida das massas populacionais nestes problemas, que tão directamente podem influir na sua maneira de viver.

— Que se proceda urgentemente à reorganização do ensino da Architectura no sentido de o tornar mais concordante com as necessidades da vida contemporânea.

— Que o Sindicato Nacional dos Architectos tome a iniciativa de :

- a) Estabelecer as bases de um programa para aquela reorganização, procurando, para tanto, ouvir os professores e alunos das Escolas existentes, após o que deverá levar ao conhecimento dos Poderes Públicos o resultado dos seus trabalhos, dando-lhes conta, simultaneamente, dos lamentáveis efeitos da actual orientação desses estabelecimentos de ensino.
- b) Com fundamento na reorganização proposta e ouvidos também professores e alunos, estudar o programa dos projectos para os novos edificios das Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto — instaladas em condições inadmissíveis — sem prejuízo das beneficiações que, entretanto, possam ser introduzidas naquelas Escolas.
- c) Promover o necessário para se avaliar das possibilidades de especialização profissional em certos ramos da Architectura e do Urbanismo, como complemento do Ensino e com vista a uma actuação profissional mais útil ao País.

QUANTO AOS ORGANISMOS A CRIAR OU A REMODELAR :

— Que seja criada, no Ministério da Educação Nacional, a DIRECÇÃO GERAL DAS BELAS ARTES, à qual devem ser confiados os assuntos respeitantes ao ensino das Artes e à Cultura artística.

— Que seja criado um CONSELHO SUPERIOR DA ARQUITECTURA, constituído por architectos, ao qual caiba a função de promover o justo e harmonioso desenvolvimento da Architectura no plano nacional.

— Que seja criado um INSTITUTO SUPERIOR DO URBANISMO E DA HABITAÇÃO onde Architectos, Engenheiros, Economistas, Higienistas e outros Técnicos estudem os diversos aspectos dos problemas da habitação e do trabalho, da educação e da cultura, da saúde, dos divertimentos e desportos, da assistência, da circulação e comunicações, dos abastecimentos, etc., com o propósito de definir as bases para a solução dos problemas do Urbanismo e da Habitação, no nosso País.

— Que seja transformado o Gabinete de Urbanização Colonial num INSTITUTO DO URBANISMO E HABITAÇÃO COLONIAIS, com Gabinetes de Urbanização nas Províncias Ultramarinas, orientados por Architectos.

— Que se solicite do Governo a criação de Organismos para estudo e investigação dos problemas da Architectura, ou os meios legais e o apoio material para subvenção de Organizações Profissionais idóneas, constituídas com aqueles objectivos.

QUANTO ÀS MEDIDAS SUSCEPTÍVEIS DE PERMITIR UMA MELHOR ACÇÃO PROFISSIONAL :

— Que o estudo dos problemas de Architectura seja — como é lógico — confiado aos architectos, e se lhes assegure — como exige a sua dignidade profissional — a assistência e a fiscalização das obras que conceberam e projectaram, com o consequente direito de proporem alterações pelas quais melhorem os resultados artísticos, técnicos ou económicos.

— Que, no julgamento dos projectos de Architectura, seja concedido, por disposição legal, aos autores, o direito de defesa das suas concepções, quando for caso disso, antes do correspondente julgamento definitivo.

— Que aos autores dos projectos não seja imposta pelos Organismos Officiais qualquer subordinação a estilos architectónicos.

— Que não possam ter aplicação, antes de serem publicadas, quaisquer disposições municipais susceptíveis de condicionarem a elaboração de projectos de Architectura.

— Que sejam confiados a architectos, nos Organismos do Estado e nas Autarquias locais do Continente e Ultramar, os Serviços Técnicos que intervenham directamente na elaboração e apreciação dos projectos de Architectura.

— Que seja reconhecido aos architectos tirocinantes o direito de exercerem o seu tirocinio, com remuneração adequada, nos Organismos Officiais, principalmente no Ultramar, onde a sua acção profissional pode ser muito útil e onde a sua fixação pode ser facilitada por esse meio, com manifestas vantagens para o País.

— Que o Sindicato Nacional dos Architectos tome a incumbência de elaborar um código dos deveres e direitos profissionais e de rever a sua acção quanto à regulamentação dos honorários e à distribuição e liquidação do Imposto Profissional.

QUANTO À «FEIÇÃO PORTUGUESA» DOS NOVOS EDIFÍCIOS :

— Que se considere que, nem os architectos prestam bom serviço à Nação quando, ao construirem edificios novos com processos e materiais novos, dão às suas concepções uma expressão plástica que não traduz os ideais artísticos e as possibilidades técnicas dos nossos dias, nem a Nação aproveita inteiramente a colaboração que os architectos podem dar ao progresso do País, se lhes for cerceada a capacidade criadora.

— Que o «portuguesismo» da obra de Architectura não continue a impor-se através da imitação de elementos do passado, pois a época que atravessamos deve ficar caracterizada em relação as outras com a diferenciação que entre elas existe.

Torna-se, pois, necessário corrigir os conceitos de tradição e regionalismo, fomentando a aplicação de novas técnicas e acarinhando novos ideais estéticos, para que a obra contemporânea possa ser coerente e atingir aquele grau de perfeição e beleza que alcançaram as dos mais puros estilos do passado.

— Que se não consagrem mais aldeias atrasadas e menos higiénicas, permitindo assim que se confunda estagnação e primitivismo com tradição e que se vulgarize o errado conceito de que a feição portuguesa dos edifícios se reduz a uma questão de pitoresco.

— Que os architectos portugueses repudiem toda e qualquer insinuação de que a sua obra — quando se exprima de maneira diferente da considerada como «portuguesa» — representa alheamento da sua personalidade profissional e, o que é pior ainda, da sua nacionalidade.

QUANTO AO PROBLEMA PORTUGUÊS DE HABITAÇÃO :

— Que se organizem os inquéritos e as estatísticas necessárias ao perfeito conhecimento dos seguintes dados — base imprescindível para um estudo consciencioso deste problema :

— Necessidades da população em matéria de alojamentos ;

— Características dos agregados familiares ;

— Número, características e localização das casas insalubres, tanto nos núcleos urbanos como nos meios rurais.

— Que o Estado encare o problema da habitação económica, pondo de parte a preocupação de recuperar directamente o capital nele investido, para evitar que um baixo nível de salários imponha às casas económicas restrições nas condições de habitabilidade, incompatíveis com a dignidade humana.

— Que, para evitar erros de concepção, em vias de se generalizarem no nosso País, se não confundam «casas baratas» com «habitações económicas». Devem eliminar-se os preconceitos que levam a buscar a economia através de uma redução excessiva das áreas e da utilização de materiais de inferior qualidade. A casa económica deverá oferecer ao locatário as maiores condições de habitabilidade com o menor dispêndio.

— Que, como medida económica indispensável para a solução do problema da habitação, se deve : — adoptar a normalização de elementos-tipo e fomentar a criação e o desenvolvimento de indústrias para a sua produção em larga escala ; habilitar o trabalhador da construção civil com conhecimentos técnicos e ferramentas modernas, tendo em vista a substituição progressiva do trabalho manual pelo trabalho mecânico.

— Que, para proporcionar equitativamente e em boas condições funcionais e económicas, alojamentos às grandes massas da população — e por se tornar impraticável, para esse efeito, a modalidade única de moradias unifamiliares isoladas — devem ser revistos os métodos em uso, adoptando-se, ainda que a título experimental, o princípio da construção multifamiliar em altura integrada em planos racionais de urbanização, e com as indispensáveis condições de insolação e arejamento garantidas por largos espaços livres adjacentes.

— Que as primeiras habitações económicas a construir pelo Estado ou pelas Autarquias locais, se destinem exclusivamente à população alojada em condições desumanas.

— Que se estabeleçam as medidas, de carácter legislativo e outras, necessárias para dar viabilidade aos seguintes aspectos do problema da habitação, considerados de excepcional importância :

- a) Concessão de facilidades na aquisição de cada uma das habitações contidas num imóvel multifamiliar.
- b) Cedência de terrenos para construção de habitações económicas a entidades singulares ou colectivas, ao preço da expropriação, acrescido apenas da estricte quota-parte dos encargos gerais das obras de urbanização, mediante garantias técnicas e financeiras e com a aceitação de disposições legais que impeçam especulação sobre a renda.
- c) Impedimento de toda e qualquer especulação com terrenos, tanto por parte dos particulares como por parte dos Municípios, quando sejam destinados à construção de casas de habitação.
- d) Instituição do seguro obrigatório da renda de casa, simultaneamente com o contrato de arrendamento.
- e) Instituição de responsabilidade pelos prejuízos causados à habitação por negligência ou mau uso por parte do inquilino.
- f) Obrigatoriedade de aplicação de uma parte das reservas das grandes Empresas, Companhias de Seguros e outras na construção de renda económica.

— Que se não construam bairros exclusivamente destinados a uma determinada classe, ou isolados, e que nunca se desprezem as considerações de distância, não se admitindo mesmo a construção de qualquer núcleo de habitações, sem que previamente lhe estejam assegurados meios eficientes de transporte colectivo, principalmente para os locais de trabalho.

— Que sejam demolidos os grupos ou zonas de habitações insalubres, criando-se espaços verdes em sua substituição ou aproveitando-se o terreno resultante para fins de manifesta utilidade pública. Os valores históricos ou artísticos aí existentes, quando representem obstáculo insuperável, deverão ser removidos para local adequado ou demolidos, depois de pormenorizadamente documentadas as suas características e ambiente original.

— Que no estudo da habitação se considere o desenvolvimento moral e físico da criança.

QUANTO A DISPOSIÇÕES GERAIS A OBSERVAR NA RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DO URBANISMO E DA HABITAÇÃO:

— Que se tomem as medidas necessárias para que os planos locais de urbanização se integrem em planos regionais e estes num plano nacional, que urge estabelecer.

— Que sejam organizados planos gerais das regiões agrícolas, tendo em vista remediar as graves deficiências da habitação rural, encarando-se, quando necessário, a libertação, a reorganização ou a mobilização do solo.

— Que no estudo dos problemas do Urbanismo e da Edificação se encarem objectivamente os princípios expressos na «Carta de Atenas», sempre que se apresentem problemas em fases idênticas às que deram origem ao seu enunciado, e não esquecendo nunca que a sua aplicação deve fazer-se em estreito contacto com as realidades nacionais.

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente: Architecto José Angelo Cottinelli Telmo
Secretário Geral: Architecto Paulo de Carvalho Cunha
Tesoureiro: Architecto João Guilherme Faria da Costa
1.º Vogal: Architecto Professor Porfirio Pardal Monteiro
2.º Vogal: Architecto Miguel Jacobetty

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE TRABALHO DO CONGRESSO

TEMA I—A ARQUITECTURA NO PLANO NACIONAL

RELATOR

Arquitecto Inácio Peres Fernandes

CONSTITUIÇÃO DA MESA

Presidente: Architecto Professor David Moreira da Silva
1.º Secretário: Architecto António do Couto Martins
2.º Secretário: Architecto Fortunato Cabral

COMISSÃO DE REDACÇÃO DAS CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO

Arquitecto Inácio Peres Fernandes
Arquitecto Professor Porfirio Pardal Monteiro
Arquitecto Francisco Keil do Amaral
Arquitecto Artur de Andrade
Arquitecto Alfredo Viana de Lima

TEMA II—O PROBLEMA PORTUGUÊS DA HABITAÇÃO

RELATOR

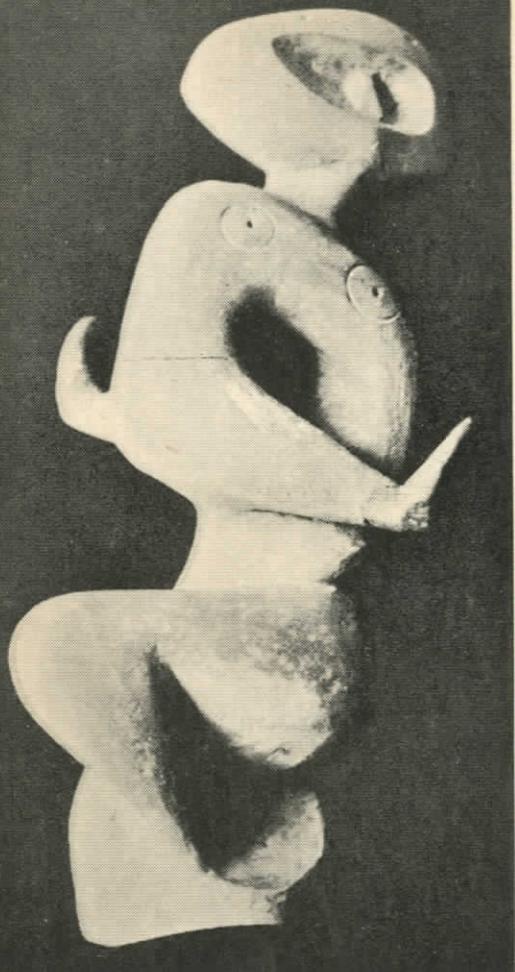
Arquitecto Sérgio de Andrade Gomes

CONSTITUIÇÃO DA MESA

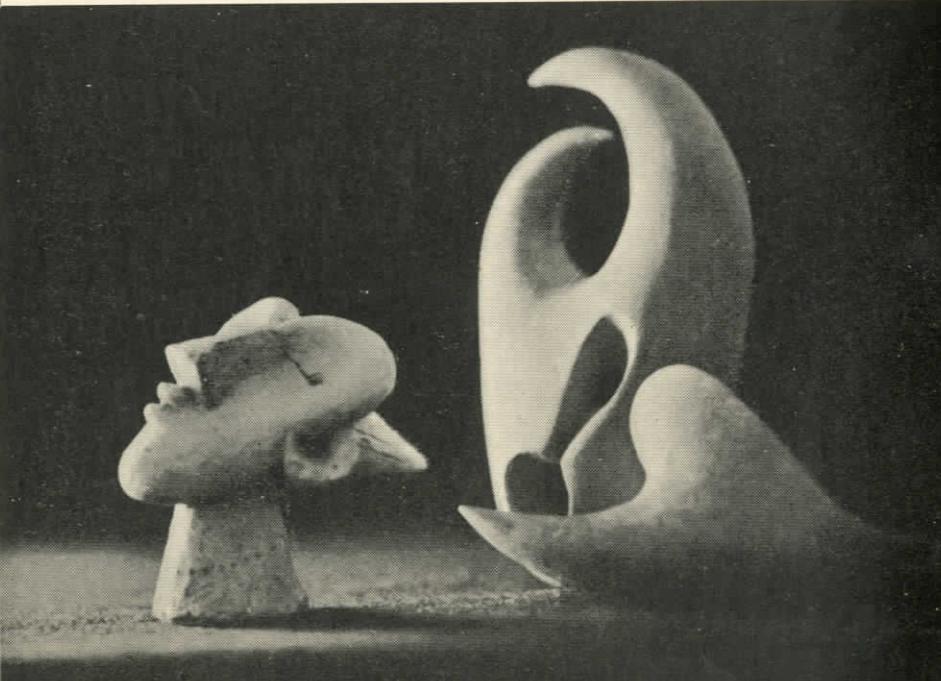
Presidente: Architecto Professor Carlos Chambers Ramos
1.º Secretário: Architecto Homero Ferreira Dias
2.º Secretário: Architecto António Veloso Reis

COMISSÃO DE REDACÇÃO DAS CONCLUSÕES E VOTOS DO CONGRESSO

Arquitecto Sérgio de Andrade Gomes
Arquitecto Miguel Jacobetty
Arquitecto Januário Godinho
Arquitecto Arménio Losa
Arquitecto António Lobão Vital



jorge vieira



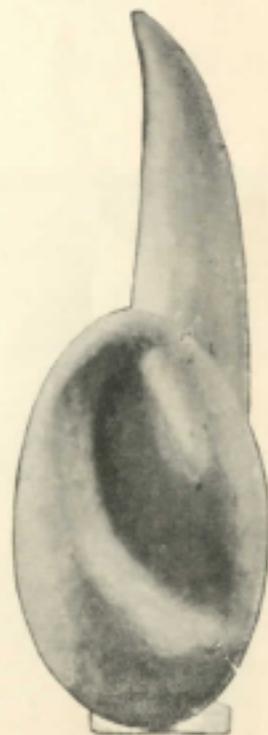


Atribuir a Jorge Vieira uma curva evolutiva comum traçada no sistema de coordenadas correntes—bom ou mau desenho, jogo de volumes, força, etc.—com que a crítica encartada costuma «trabalhar» os artistas e coisa vã, errada mesmo.

Em Jorge Vieira o poder de receptividade, transformação e criação sobrepõe-se àquilo que pode aprender-se, relativo à objectividade.

As suas formas fundamentais abstratas são dentre o que ele fez o que nos parece mais puro, mais Jorge Vieira. São formas «risonhas», «tristes», extravagantes, pertencentes a uma zona em que a arte é comum às expressões mais elevadas da ciência moderna. Tudo se passa aí como se a ciência e a arte fossem uma e a mesma coisa. E apesar disto Jorge Vieira não executará sem dificuldade uma operação de divisão com decimais. Mas que extraordinária intuição de plasticizar o que paira no ar de transcendência de valores tácteis subtis não captáveis pelos olhos nem transportáveis por compassos, medidas e escalas!

Do constante pesquisar em formas abstratas resulta um ascetismo formal nas suas interpretações objectivas que lhe aumenta os valores simbólicos.





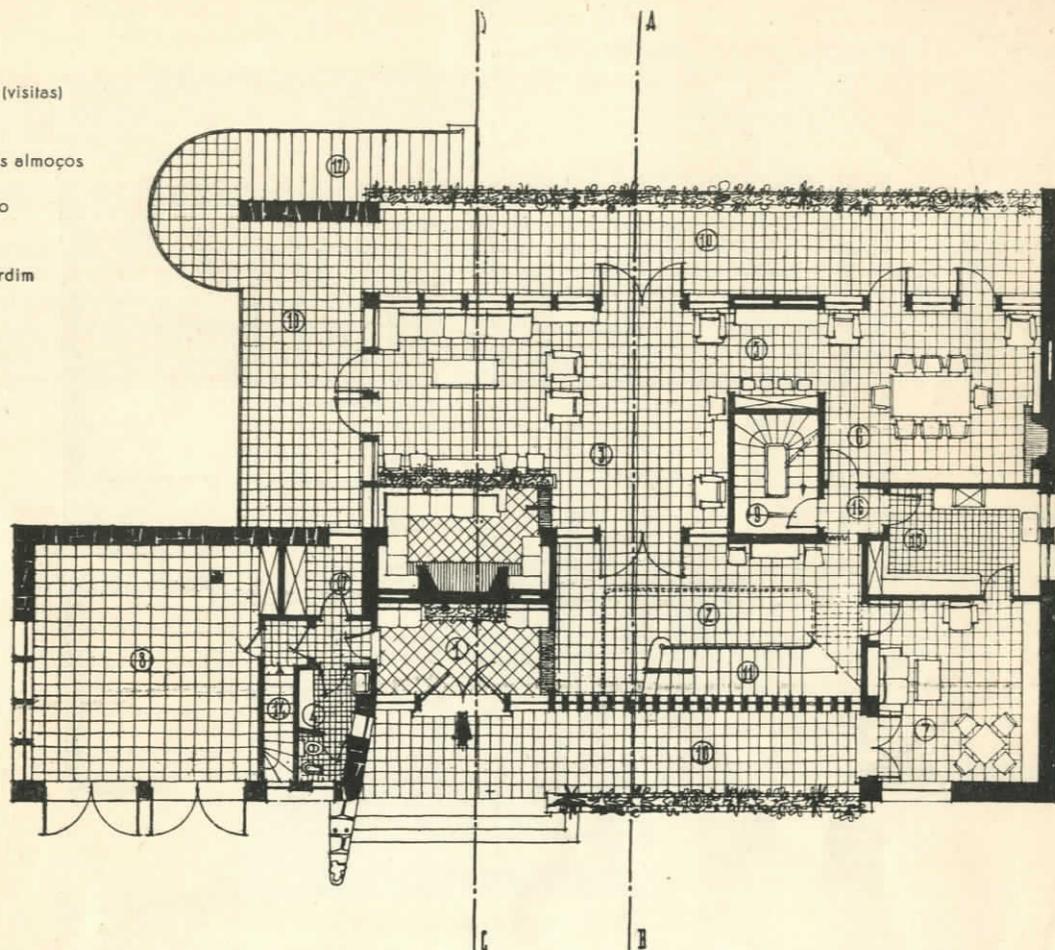
O desejo de libertação humana de J. V. encaminha-o, fatalmente para o surrealismo. Veja-se a fauna monstruosa, animais de pesadelo, mulheres passaros que a sua obra apresenta.

Que valores subjectivos poderiam enriquecer a nova e rígida arquitectura, os nossos parques e jardins tomando o novo lugar do risonho cavador de pedra que se confunde com o autentico jardineiro que mais acima encontramos, a guardadora de patos que por milagre caminha eternamente numa ilhota guardando os mesmos patinhos petrificados de impressionante realismo!

FREDERICO GEORGE



1. Entrada
2. Hall
3. Sala de estar
4. Toilette e W.C. (visitas)
5. Bar
6. Sala de jantar
7. Sala de pequenos almoços
8. Garage
9. Escada de serviço
10. Terraço
11. Escada
12. Escada para o jardim
14. Escada
15. Copa
16. Antecâmara
17. Arrumos



PLANTA DO R/C

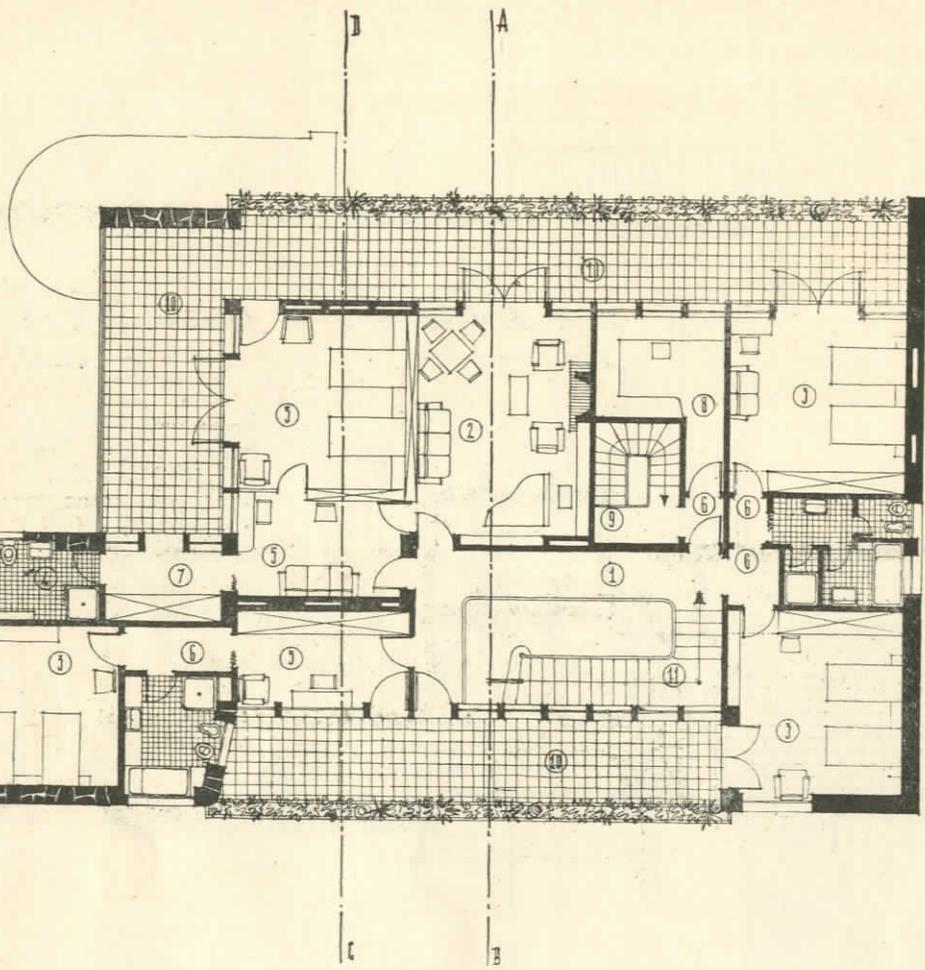
localização Terreno com cerca de 2.400 metros quadrados, parcialmente arborizado com grandes pinheiros, limitado a norte e a sul por talhões já ocupados por moradias, a nascente por uma avenida e a poente pela ribeira de Carcavelos.

partido geral O partido geral desta moradia, destinada a um casal com um filho casado, foi condicionado pelo regulamento do Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol, pelo desejo de satisfazer as ne-

cessidades dum programa vasto e desenvolvido, fora do usual, procurando tirar o melhor partido possível das condições do terreno no que se refere a exposição, insolação e panorama e pelo propósito, comum ao arquitecto e ao cliente, de realizar uma casa francamente aberta e sem núcleos de circulação principal interiores. Uma separação nitida das zonas de estar, íntima e de serviço, proporcionam um funcionamento lógico e fácil, correspondendo estas

MORADIA PARA CARCAVELOS

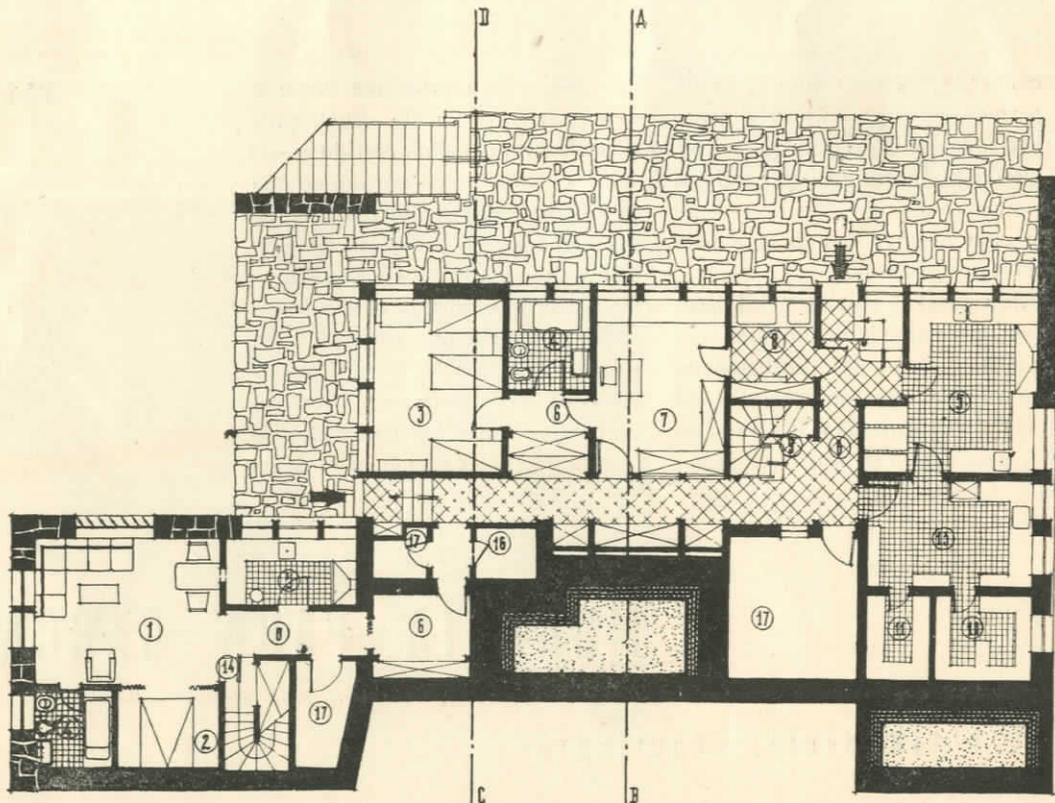
RU Y D'ATHOUGUIA, ARQUITECTO



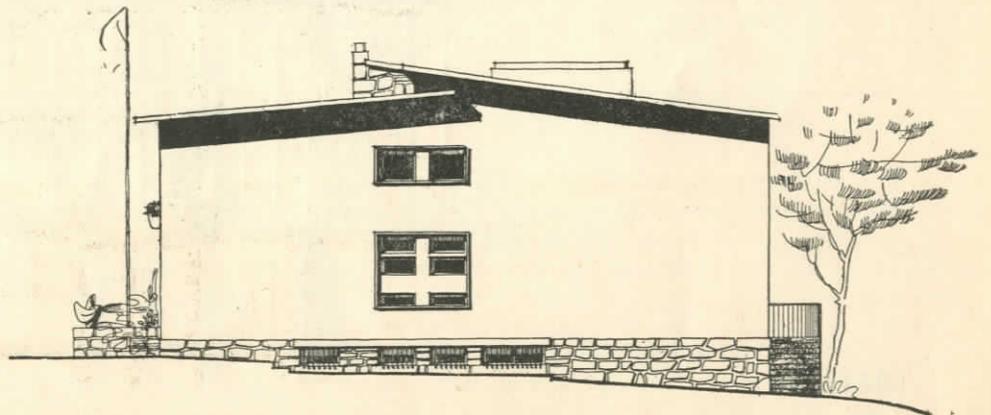
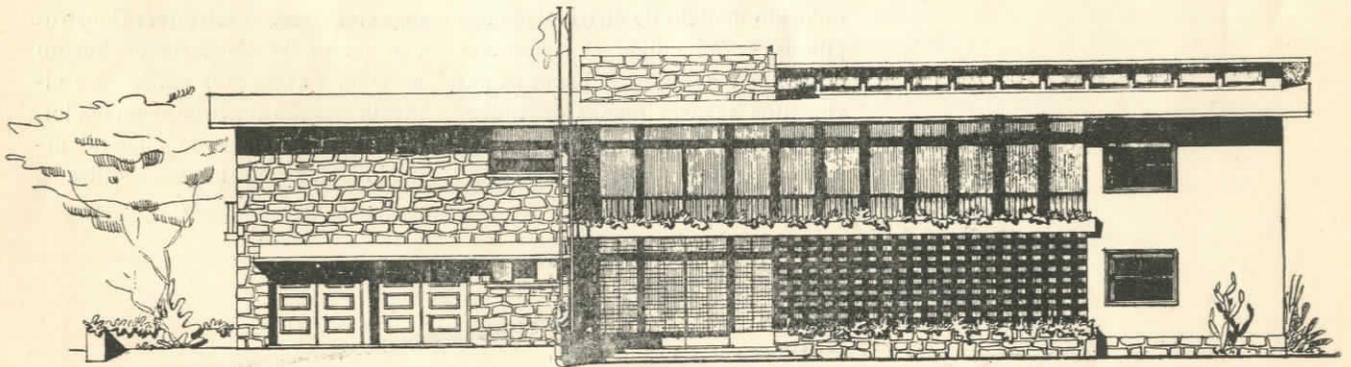
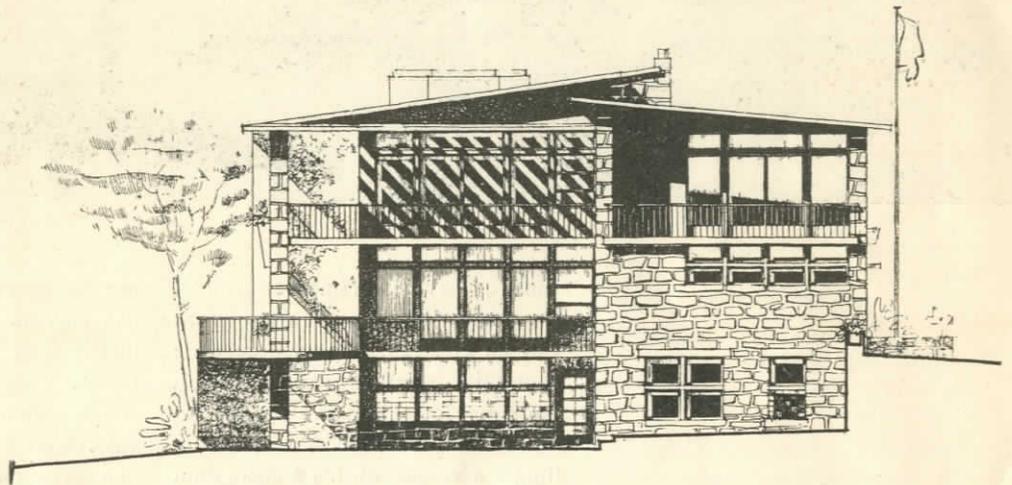
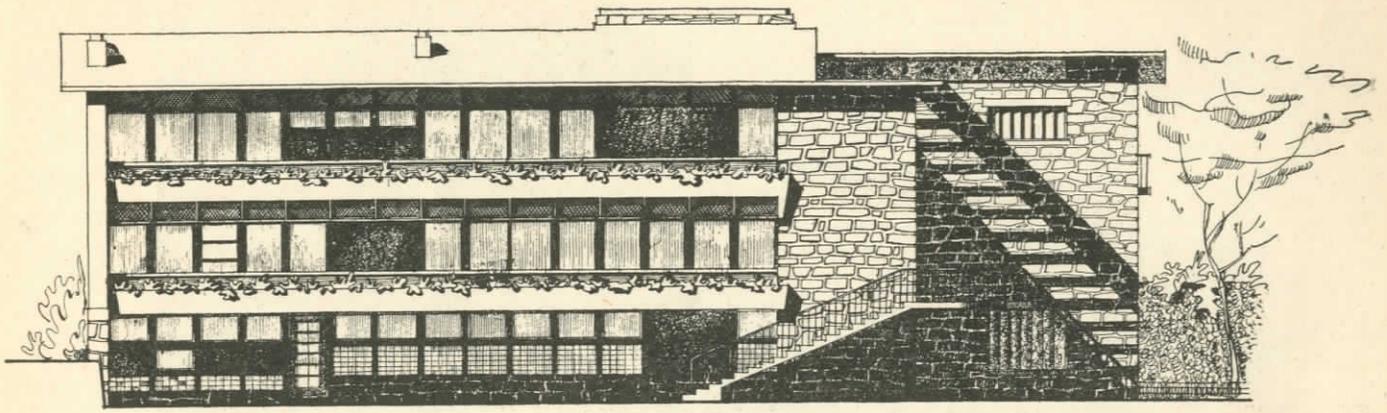
- 1. Galeria
- 2. Sala de estar
- 3. Quarto
- 4. Banho
- 5. Quarto de vestir
- 6. Antecâmara
- 7. Roupeiro
- 8. Roupeiro
- 9. Escada de serviço
- 10. Terraço
- 11. Escada

1.º ANDAR

- 1. Sala comum
- 2. Alcova
- 3. Quarto de criadas
- 4. Banho
- 5. Cozinha
- 6. Antecâmara
- 7. Engomados
- 8. Lavagem de roupa
- 9. Escada de serviço
- 10. Despensa
- 11. Garrafeira
- 13. Cope
- 14. Escada
- 16. Casa da caldeira
- 17. Arrecadações



CAVE



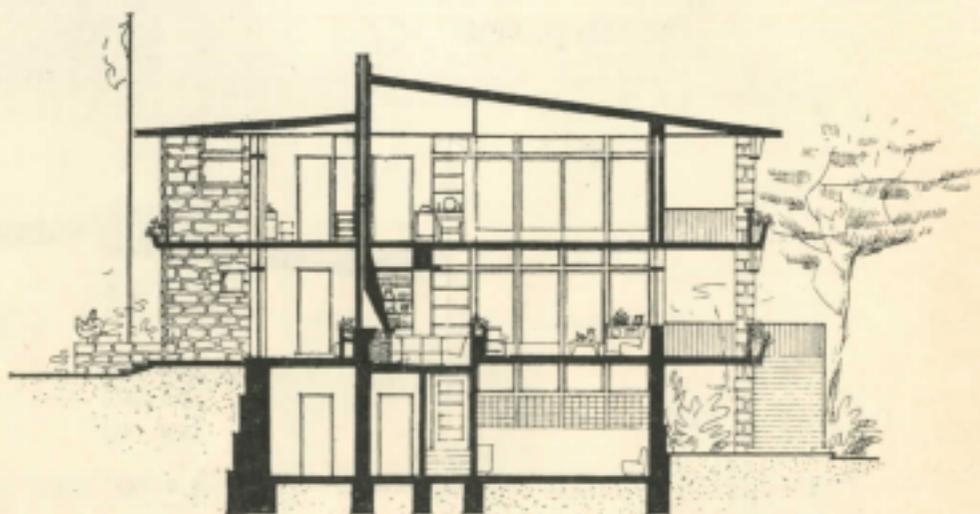
ALÇADOS POENTE
SUL
NASCENTE
NORTE



zonas quase completamente aos pisos. No estudo desta casa houve a intenção de conseguir uma sensação de continuidade entre os vários volumes, tanto no interior como na ligação deste com o exterior. A ausência de lintéis e vergas, obtida à custa dum reduzido módulo de distribuição dos pilares, permite ligar as superfícies dos tetos e tanto estes como os pavimentos seguem dumas dependências para as outras e do interior para o exterior, sendo tratados sem-

pre da mesma maneira. O partido dos alçados traduz sem artificios a distribuição das várias zonas interiores. A expressão arquitectónica é simples, duma grande harmonia e valoriza-se pelo criterioso emprego dos vários materiais.

características construtivas Construção mixta de alvenaria e cimento armado. Pavimentos em laje de cimento armado aligeirada com teijolos. Cobertura em laje de cimento armado devidamente impermeabilizada.



CORTE CO

AS PEÇAS APRESENTADAS ESTÃO TODAS NA ESCALA DE 1:200

A CARTA DE ATENAS

CONTINUAÇÃO

63 ... QUE SEJAM DIFERENCIADAS AS RUAS CONFORME OS SEUS FINS: RUAS DE HABITAÇÃO, RUAS DE PASSEIO, RUAS DE TRÂNSITO, VIAS PRINCIPAIS.

As ruas, em vez de serem abandonadas a tudo e a todos, deverão, conforme a sua categoria, ter regimens diferentes.

As ruas de habitação e os terrenos destinados a uso colectivo reclamam uma atmosfera própria.

Para permitir aos alojamentos e aos seus «prolongamentos» o gozo da calma e da paz que lhes são necessárias, os veículos mecânicos serão canalizados em circuitos especiais.

As avenidas de trânsito não terão os mais pequenos contactos com as ruas de circulação reduzida, salvo nos locais de concordância.

As grandes vias principais, que estão em relação com todo o conjunto da região, afirmarão naturalmente a sua prioridade.

Mas serão também consideradas ruas para passear onde, sendo estritamente imposta uma velocidade reduzida aos veículos de todas as espécies, a mistura destes com os peões não ofereça quaisquer inconvenientes.

64 ... QUE ZONAS DE VERDURA ISOLEM, EM PRINCÍPIO, OS LEITOS DE GRANDE CIRCULAÇÃO.

As vias de trânsito ou de grande circulação, sendo bem diferenciadas das vias de circulação reduzida, não terão qualquer razão para se aproximar das construções públicas ou particulares. Será bom que estas sejam rodeadas de espessas cortinas de verdura.

V

PATRIMÓNIO HISTÓRICO DAS CIDADES

65 OS VALORES ARQUITECTURAIS DEVEM SER SALVAGUARDADOS (EDIFÍCIOS ISOLADOS OU CONJUNTOS URBANOS).

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo manifestado através dos séculos por obras materiais, traçados ou construções, que a dotam com sua personalidade própria e de onde emana pouco a pouco a sua alma.

São estes testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, primeiramente por causa do seu valor histórico ou sentimental, depois porque alguns deles têm em si uma virtude plástica na qual se encarnou o mais alto grau de intensidade do génio humano.

Fazem parte do património humano e aqueles que os possuem são encarregados da sua protecção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta, aos séculos futuros, esta nobre herança.

66 SERÃO SALVAGUARDADOS SE FOREM A EXPRESSÃO DE UMA CULTURA ANTERIOR E SE CORRESPONDEREM A UM INTERESSE GERAL.

A morte que não poupa nenhum ser vivo, ataca também as obras dos homens. É preciso saber, nos testemunhos do passado, reconhecer e discriminar os que estão ainda bem vivos.

Tudo o que passou não tem por definição direito à perpetuidade; convém escolher com sabedoria o que deve ser respeitado.

Se os interesses da cidade são lesados pela persistência de certas presenças insignes, magestosas, de uma era passada, será procurada a solução capaz de conciliar dois pontos de vista opostos:

nos casos em que se enfrentem soluções repetidas em numerosos exemplares, conservar-se-ão alguns a título documental, os outros serão abatidos;

nos outros casos, somente a parte que constitua uma recordação ou um valor real poderá ser isolado; o resto será modificado numa forma útil.

Finalmente, poderá ser encarada, em casos excepcionais, a transplantação total de elementos incómodos pela sua situação mas que mereçam ser conservados, pelo seu alto significado estético ou histórico.

67 ... SE A SUA CONSERVAÇÃO NÃO IMPLICAR O SACRIFÍCIO DE POPULAÇÕES MANTIDAS EM CONDIÇÕES INSALUBRES.

Um culto estreito do passado não deve manter a ignorância das regras da justiça social. Espíritos mais inclinados para o «estétismo» do que para a solidariedade, militam em favor da conservação de certos velhos bairros pitorescos, sem fazer caso da miséria, da promiscuidade e das doenças que aqueles abrigam.

É tomar uma grave responsabilidade.

O problema deve ser estudado e por vezes pode ser resolvido por uma solução engenhosa; mas em

caso algum, o culto do pitoresco e da história deve sobrepor-se à salubridade do alojamento do qual depende tão estreitamente o bem estar e a saúde moral do indivíduo.

68 ...SE FOR POSSÍVEL REMEDIAR A SUA EXISTÊNCIA DESVANTAJOSA POR MEDIDAS RADICAIS, POR EXEMPLO O DESVIO DE ELEMENTOS VITAIS DE CIRCULAÇÃO, OU MESMO O DESLOCAMENTO DE CENTROS CONSIDERADOS ATÉ AQUI COMO IMUTÁVEIS.

O crescimento excepcional duma cidade pode criar uma situação perigosa conduzindo a um beco sem saída de que não nos livramos sem alguns sacrifícios.

O obstáculo não poderá ser suprimido senão pela demolição. Mas desde que esta medida acarrete a destruição de verdadeiros valores arquitecturais, históricos ou espirituais, mais vale, sem dúvida, procurar outra solução.

Em lugar de suprimir o obstáculo à circulação, desviar-se-á a própria circulação ou, se as condições o permitirem, far-se-á uma passagem sob um túnel.

Enfim pode-se também deslocar um centro de actividade interna e, transplantando-o para outro local, mudar inteiramente o regime circulatório da zona congestionada.

A imaginação, a invenção e os recursos técnicos devem combinar-se para desatar os nós que parecem mais inextricáveis.

69 A DESTRUIÇÃO DOS BAIRROS MISERÁVEIS À VOLTA DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS DARÁ OCASIÃO A CRIAR SUPERFÍCIES VERDES.

Admite-se, em certos casos, que a demolição de casas insalubres e de bairros miseráveis em volta dum monumento histórico destrua um ambiente secular. É uma coisa lamentável mas inevitável.

Aproveitar-se-á a situação para introduzir superfícies verdes. Os vestígios do passado ficarão banhados por um novo ambiente, talvez inesperado, mas certamente tolerável, e com o qual, de qualquer forma, beneficiarão largamente os quarteirões vizinhos.

70 O EMPREGO DE ESTILOS DO PASSADO, SOB PRETEXTO DE ESTÉTICA, NAS CONSTRUÇÕES NOVAS ERIGIDAS NAS ZONAS HISTÓRICAS, TEM CONSEQUÊNCIAS NEFASTAS. O MANTIMENTO DE TAIS USOS OU DA INTRODUÇÃO DE TAIS INICIATIVAS NÃO SERÁ TOLERADO SOB NENHUMA FORMA.

Tais métodos são contrários à grande lição da história. Nunca se verificou um retrocesso, nunca o homem pisou duas vezes o mesmo passo.

As obras primas do passado mostram-nos que cada geração teve a sua maneira de pensar, as suas concepções, a sua estética, apelando, para servir de trampolim à sua imaginação, à totalidade dos recursos técnicos da época que era sua.

Copiar servilmente o passado, é condenar-se à mentira, é erigir o «falso» em princípio, visto que as condições antigas de trabalho não poderiam ser reconstituídas e que a aplicação da técnica a um ideal arcaico não é mais do que um simulacro sem vida.

Misturando o «falso» e o «verdadeiro», longe de se atingir uma impressão de conjunto e de dar o sentimento da pureza de estilo, não se chega mais do que a uma reconstituição fictícia capaz de lançar o descrédito sobre o testemunho autêntico que mais se desejava preservar.

3.ª PARTE

CONCLUSÕES

PONTOS DE DOCTRINA

71 A MAIOR PARTE DAS CIDADES ESTUDADAS OFERECEM HOJE A IMAGEM DO CADS: ESTAS CIDADES NÃO RESPONDEM DE FORMA ALGUMA AO SEU DESTINO, QUE SERIA O DE SATISFAZER AS NECESSIDADES PRIMORDIAIS BIOLÓGICAS E PSICOLÓGICAS DAS SUAS POPULAÇÕES.

As cidades analisadas por ocasião deste congresso, ao cuidado dos grupos nacionais dos CIAM, são em número de trinta e três: Amsterdam, Atenas, Bruxelas, Baltimore, Bandoeng, Budapest, Berlim, Barcelona, Charleroi, Colónia, Como, Dalat, Detroit, Dessau, Frankfort, Génèbra, Génova, Haia, Los Angeles, Litoria, Londres, Madrid, Oslo, Paris, Praga, Roma, Rotterdam, Stocolmo, Utrecht, Verona, Varsóvia, Zagreb, Zurich.

Ilustram a história da raça branca sob os climas e as latitudes mais diversas.

Todas testemunham do mesmo fenómeno: a desordem trazida pelo maquinismo num estado que comportava até a uma harmonia relativa; a ausência, também, de qualquer esforço sério de adaptação.

Em todas estas cidades o homem é molestado; tudo o abafa, tudo o arraza. Nada do que é necessário à sua saúde física e moral foi salvaguardado ou preparado.

A cidade não responde mais à sua função que é abrigar os homens e abrigá-los bem. (Continua)

Julgo não haver dúvidas quanto ao volume do trabalho apresentado na recente Exposição de Architectura Contemporânea no Brasil; foram expostos 85 trabalhos, dos quais cerca de 80% estão construídos ou em vias de construção; ficou por expor outro tanto, por não caber no grande salão do I. S. T.

As maquettes e pranchas apresentadas, estas com desenhos, fotocópias, fotomontagens e fotografias de edifícios, de construções e de maquettes, foram cuidadosamente preparadas pelos Architectos autores e expostas, com grande sobriedade, pelos alunos brasileiros.

Delas se deduz que a Architectura Moderna Brasileira é uma franca realidade e que um estudo criterioso e lógico das condições climáticas do país da América do Sul deu, como resultado, àquela série de edifícios, dos mais pequenos aos maiores, um ar fresco, lavado, sóbrio e fundamentalmente plástico. Para tanto ajudou-os o conhecimento profundo dos materiais disponíveis e uma aplicação directa e justa das matérias primas de cada região. Existe, naquelas obras, principalmente, a noção perfeita da união do princípio estrutural com o equilíbrio estético. Esta é, quanto a mim, a maior lição que nos vieram dar.

Trata-se de uma Architectura séria e cuidadosamente estudada, tanto no seu volume geral, como em pormenor e muito especialmente no que diz respeito ao jogo das belezas naturais com a obra em si. As fotografias coloridas apresentadas pelo Professor Wladimir Alves de Sousa, na sua conferência do I. S. T., elucidaram-nos melhor de quanto é valiosa a colaboração com um Architecto Paisagista e muito particularmente com BURLE MARX.

Estas são algumas conclusões que poderemos tirar da Architectura Contemporânea do Brasil, que agora vimos e sentimos mais de perto.

Entremos pois no nosso caso—Architectura Moderna Portuguesa.

É evidente e natural que a Exposição de Architectura Brasileira venha a ter reflexo nos espíritos novos e, mais acentuadamente, nos alunos de Architectura das duas Escolas do País. Esse reflexo, dizia, é natural e é bom que não se deixe arrefecer o estado de espírito em que todos ficamos de RENOVAR a nossa Architectura; mas, para tal, há que trabalhar com muita ponderação.

Não era meu propósito iniciar aqui, neste momento, um debate sobre a actual Architectura Portuguesa e,

muito menos, referir-me ao que já fizemos. Uma coisa porém se torna evidente:

A actual Architectura Portuguesa está muito aquém da Architectura Contemporânea Brasileira!

Parece, contudo, que terá de deixar de estar em tal posição e para isso trabalharemos com toda a nossa vontade. Vontade, não simplesmente de COPIAR o que os outros fazem, mas, fundamentalmente, de EVOLUIR.

Quando digo *copiar*, quero-me referir ao verdadeiro significado da palavra, isto é, como quem faz um duplicado. Não é isto que interessa em Architectura. Architectura é uma Arte e uma Ciência e para a fazermos temos de estar na posse de todas as nossas faculdades artísticas e científicas. Não poderemos pois prosseguir no campo da cópia, ontem de elementos pombalinos, hoje de elementos modernos... Temos, sim, que EVOLUIR dentro das actuais e futuras condições de vida, progresso, economia espacial e material.

Mas como EVOLUIR?

De uma maneira que se me afigura extremamente simples:

ESTUDANDO

- Estudando as condições climáticas de Portugal e Colónias.
- » para cada caso, o percurso do Sol—sua incidência sobre as fachadas.
 - » os materiais de que dispomos.
 - » a sua aplicação directa e criteriosa.
 - » as condições económicas do País.
 - » o princípio estrutural do edificio.
 - » o arranjo paisagístico do mesmo.
- ETC., ETC., ETC.

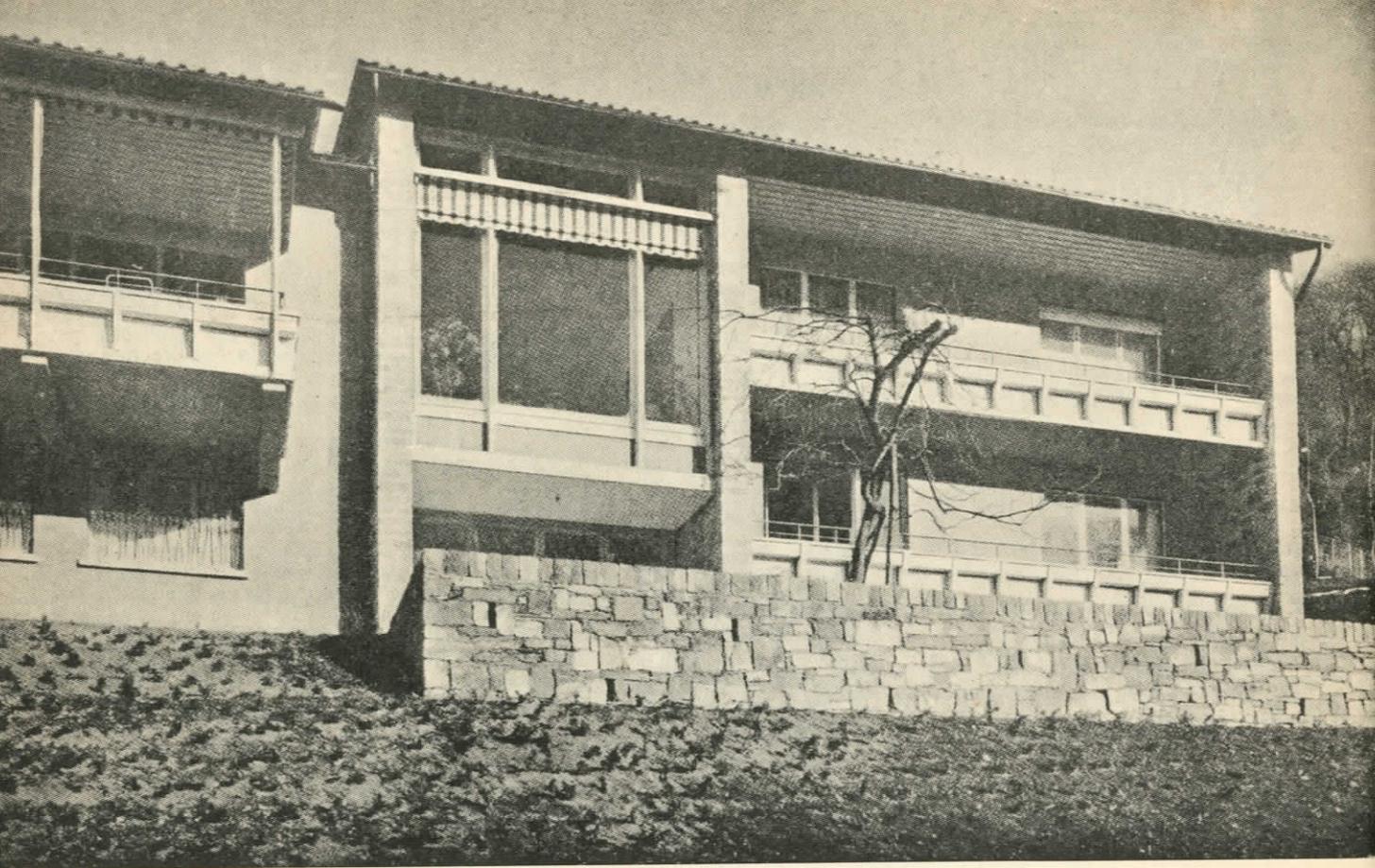
Daqui, estou certo, resultará um grande beneficio para todos nós. Surgirão soluções novas, algumas arrojadas, mas todas elas com a grande virtude de, sinceramente, pretendem resolver o nosso problema da Architectura Moderna.

Nota—A título de curiosidade e perdõem-nos os que já sabem:

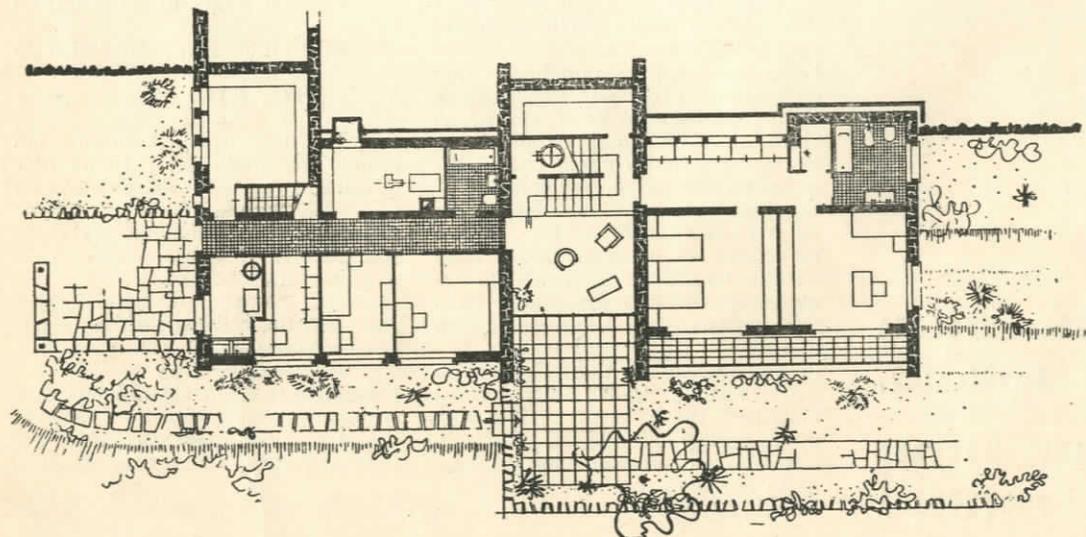
O Architecto Lucio Costa foi o maior Architecto da Architectura Clássica e Colonial no Brasil. Hoje é o melhor Architecto Moderno Brasileiro.

ARQUITECTO FORMOSINHO SANCHES

ARQUITECTURA MODERNA
BRASILEIRA,
ARQUITECTURA MODERNA
PORTUGUESA



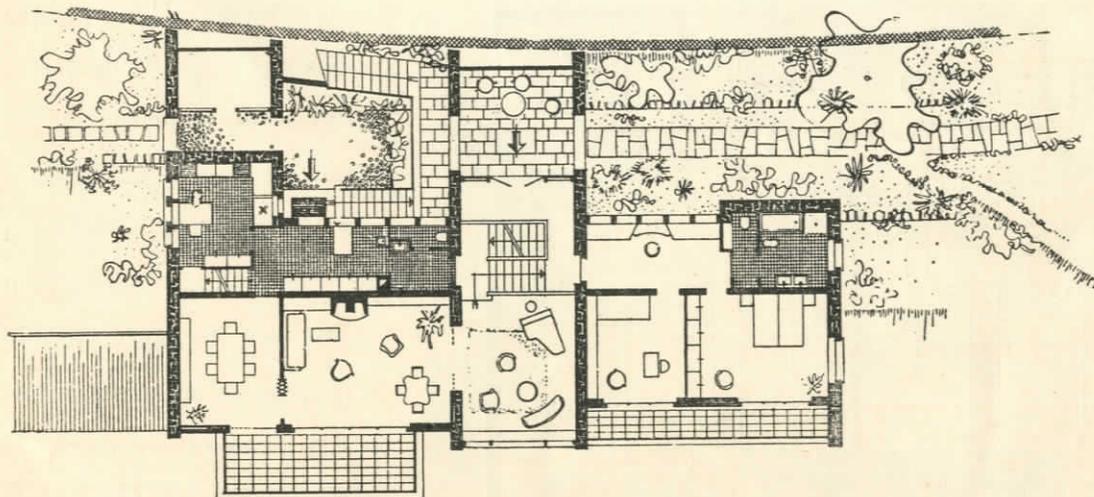
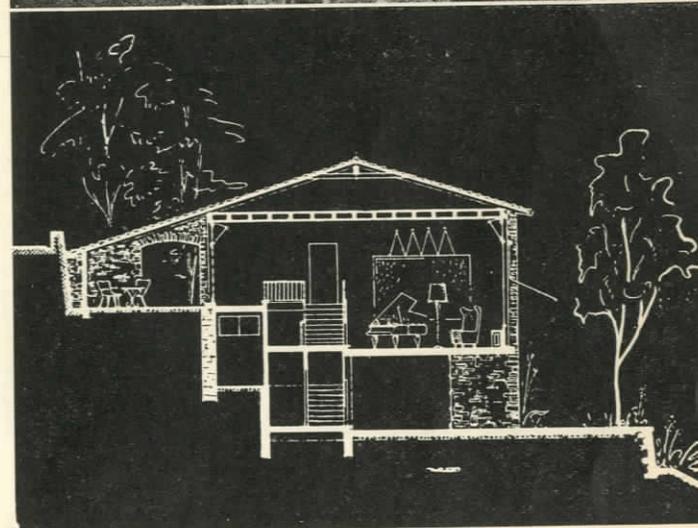
moradia na suíssa



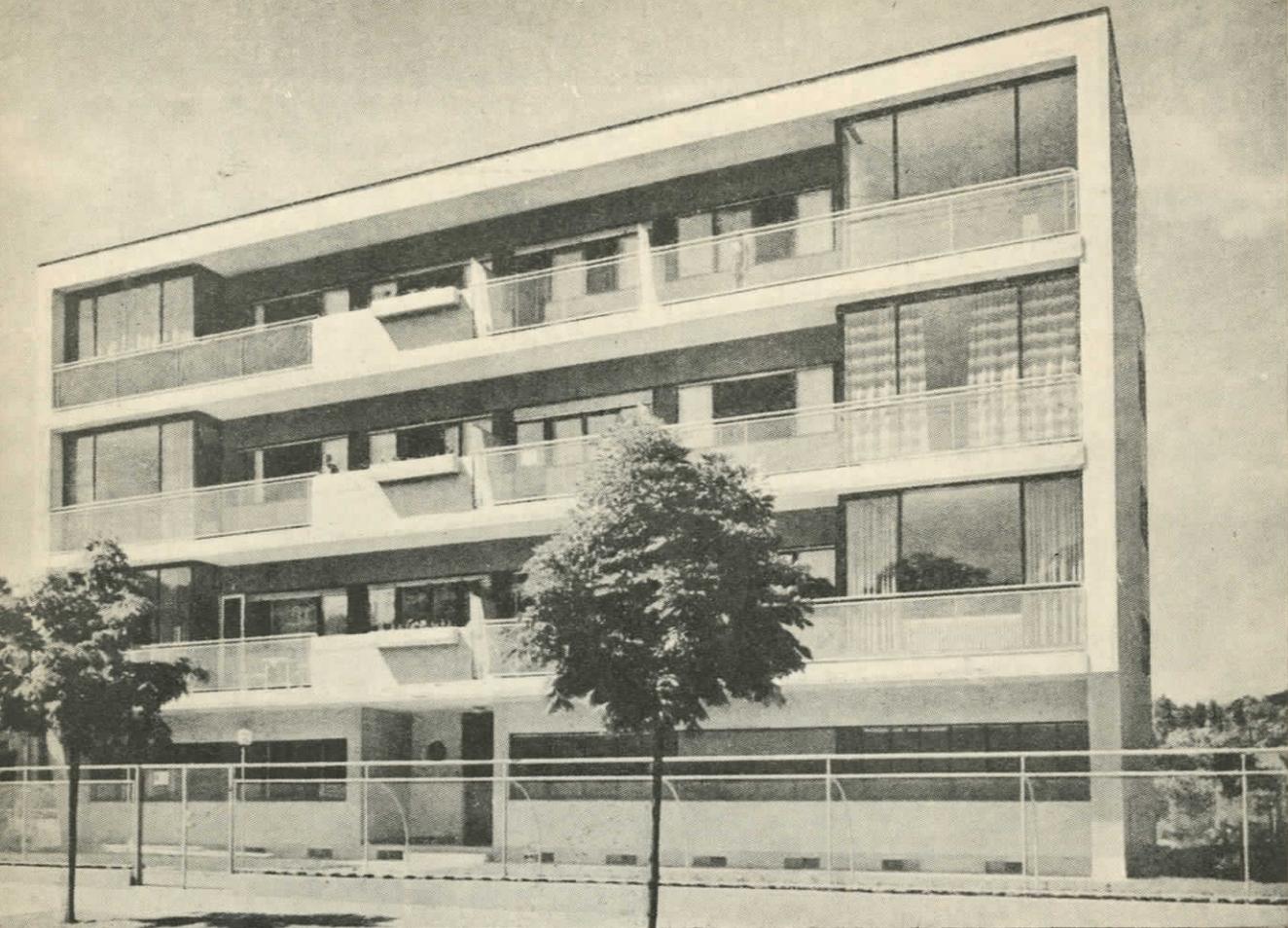
R/C

CARLO E RINO A. TAMI, ARQUITECTOS

Para melhor aproveitamento da magnífica vista sobre o lago, justificou-se nesta moradia a colocação da zona de estar no andar superior. Só um quarto, o principal, fica também a este nível; os restantes distribuem-se pelo rés-do-chão. E como a inclinação do terreno obrigava a entrada da moradia a abrir-se ao nível do 1.º andar, tudo acaba por passar-se como no partido vulgar em que é inversa a distribuição por pisos.

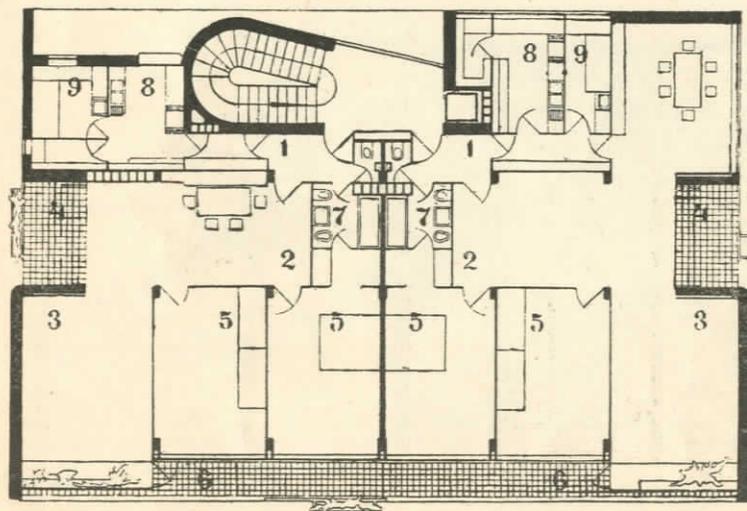


1.º ANDAR

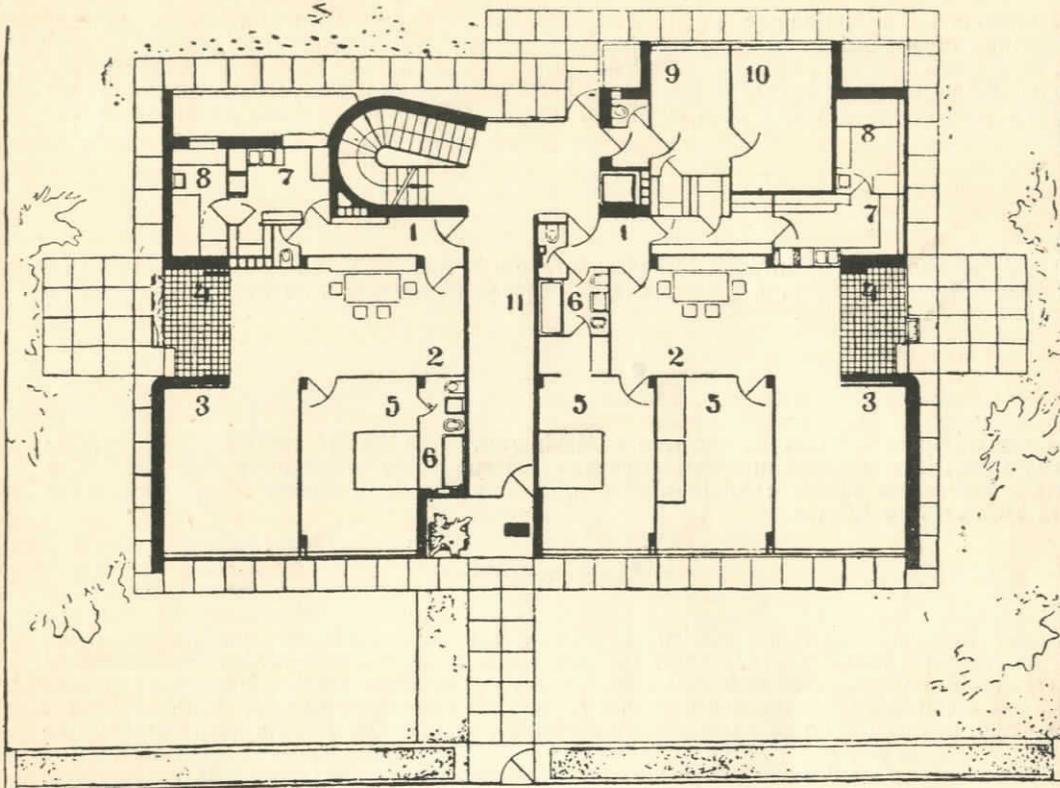


prédio em budapeste

ANDARES



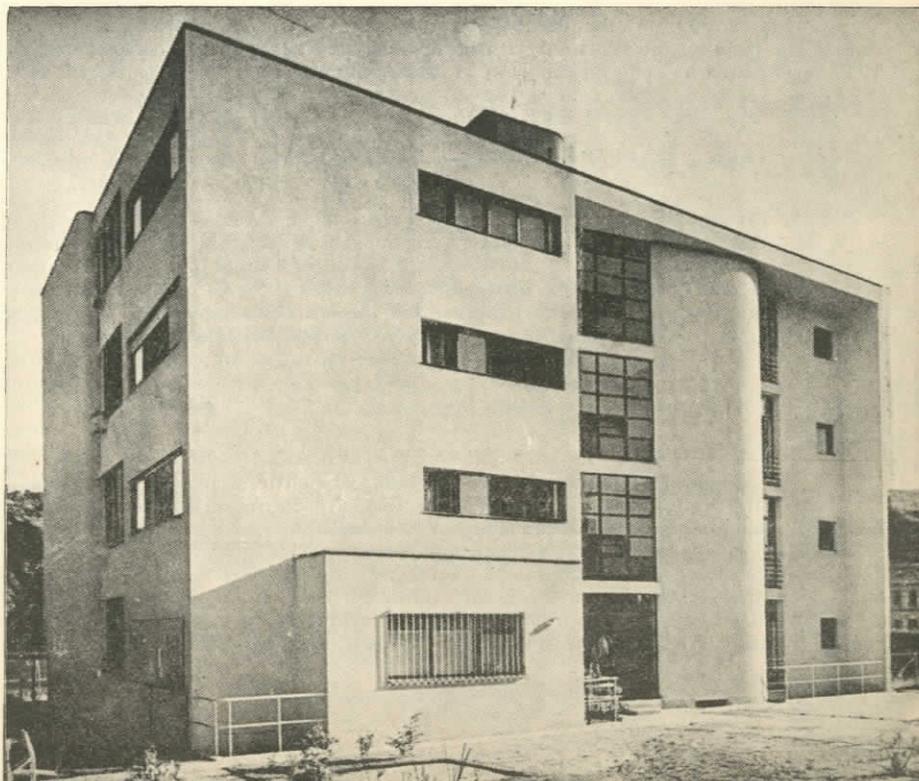
Um programa resolvido duma forma diferente, da que geralmente se adopta em problemas desta natureza. Uma planta racionalmente distribuída, sem perdas de espaço, traduzida em alçados com uma franqueza e uma simplicidade geométrica impressionantes. Resultado: um volume arquitectónico puro e de proporções harmónicas. Note-se a maneira engenhosa de «encaixar» a escada de acesso.



- 1 Antecâmara
- 2 Sala comum
- 3 Quarto
- 4 Loggia
- 5 Quarto
- 6 Varanda
- 7 Banho
- 8 Cozinha
- 9 Criada

1. Antecâmara
2. Sala comum
3. Quarto
4. Loggia
5. Quarto
6. Banho
7. Cozinha
8. Criada
9. Cozinha da porteira
10. Quarto da porteira
11. Hall de entrada

JÁNOS WANNER, ARQUITECTO



«Nuestra Arquitectura», revista argentina que se publica mensalmente em Buenos Aires, atingiu uma qualidade excepcional nos últimos dois anos. O número agora chegado a Portugal (Fevereiro de 1949) traz colaboração vária (entre ela, uma casa em Milão pelo arquitecto Vito Latis e um estádio de Baseball em Colômbia dos arquitectos Solano, Gaitán, Ortega e Burbano), mas os melhores números têm sido os dedicados a diversos arquitectos; os dois consagrados à vida e obra de Marcel Breuer eram de um interesse e categoria pouco vulgares.

Recebemos o n.º 2 do 2.º ano de «L'habitation», revista de estudo e de informação do Instituto Nacional para a Promoção da Habitação, de Bruxelas. É uma revista de pequeno formato, sem ilustrações, que trata de aspectos legais e técnicos da construção.

Saiu o n.º 5 de «Bauen und Wohnen» (Construção e Habitação). Gráficamente impecável, esta revista trimestral suíça tem mais interesse pelo material estrangeiro que publica do que propriamente pelos — aliás poucos — projectos e realizações suíços escolhidos. Este n.º 5 abre com a já célebre casa de Breuer nos arredores de Nova York em New Canaan.

Sobre a morte do arquitecto Adelino Nunes publicou a revista «Vértice», assinado por Manuel Mendes, um artigo que, além do valor que possua sobre todos os aspectos, tem o de mostrar uma revista de cultura geral interessada por esse problema que, desde os jornais diários às revistas de maior responsabilidade, a imprensa esquece ou ignora — a arquitectura. Lembremos que foi «Vértice», de resto, a revista que em 1946 (números de Março, Maio e Junho) publicou o artigo «Arquitectura Moderna», de José Queiroz, em que, a pretexto de uma aliás justíssima e certa resposta a certas confusões do Dr. Júlio Dantas, se explicava a arquitectura do nosso tempo com uma clareza e inteligência que gostaríamos de encontrar em muitas revistas da especialidade.

Temos recebido «La Maison», revista das «Éditions Art & Technique», de Bruxelas. O n.º 4, de Abril de 1949, é inteiramente dedicado ao problema da pequena moradia unifamiliar, que é estudado com simplicidade nos seus diversos aspectos.

Dos vários números que nos foram enviados do «A. A. Journal», pequena revista da «Architectural Association» de Londres, destacamos o de Outubro de 1948, em que se publica uma conferência de Richard J. Neutra, realizada na sede da Associação, com comentários pelos ouvintes.

A revista americana «Architectural Forum», anuncia a publicação de «Furniture Forum», revista trimestral editada e organizada por Hollis Christensen, dedicada a mobiliário, candeeiros, tecidos e cerâmica. Com certo carácter de manual, a nova revista apresenta uma lista de formatos, acabamentos, preços e nomes dos fabricantes dos artigos ilustrados; e, a avaliar pelos nomes representados no 1.º número — Aalto, George Nelson, Eames, Robjohn-Gibbins, Saarine — e pelos espécimes de páginas que «Forum» apresenta, «Furniture Forum» é particularmente representativo da boa decoração moderna.

Recebemos um número da revista belga «Chantiers» inteiramente dedicado ao primeiro Congresso da U. I. A (Union Internationale des Architectes). Apresenta esse número uma reportagem completa do Congresso — acompanhada de várias fotografias e desenhos — as suas conclusões e algumas teses. Lembramos, a propósito, que as conclusões finais deste Congresso vieram publicadas no número 25 de «Arquitectura» (Julho de 1948). «Chantiers» é uma publicação bimestral de Editions Art et Technique, de Bruxelas. Entre os seus principais colaboradores contam-se Alvar Aalto, Sir Patrick Abercrombie, Marcel Breuer, Maxwell Fry, Walter Gropius, Sigfried Giedion, Arno Goldfinger, Le Corbusier, Marcel Lods, Sven Markelius, Pardal Monteiro, Auguste Perret, Ernesto N. Rogers, Frank Lloyd Wright, J. J. P. Oud, Oscar Niemeyer, José Luis Sert, Stamo Papadaki.

Le Corbusier foi encarregado pelo governo da Bolívia de estudar o plano de urbanização de Bogotá, capital do país.

Michel-Roux-Spitz, arquitecto do governo francês, 1.º Grand-Prix de Roma, redactor chefe da revista «L'Architecture Française» foi nomeado membro associado da Secção de Arquitectura da Academia Real das Ciências, das Letras e das Belas Artes da Bélgica.

A Holanda construiu em 1948 trinta mil casas, das tresentas mil previstas no plano de reconstrução. Em 1949 conta edificar cerca de quarenta e cinco mil.

Realiza-se em Lyon de 24 de Setembro a 9 de Outubro de 1949 uma Exposição Internacional do Habitat Rural e do Equipamento Agrícola.

O primeiro museu polaco do Trabalho será construído na cidade de Lods. O Ministério da Cultura e das Belas Artes destinou a esta nova fundação a verba de 10 milhões de zlotys. O futuro museu reunirá uma documentação completa sobre o conjunto dos problemas ligados à história dos movimentos operários e sociais, história da técnica, economia, etc.

Numa das últimas assembleias gerais do Sindicato Nacional dos Arquitectos, em Lisboa, foram eleitos sócios honorários, por proposta da direcção os arquitectos Frank Lloyd Wright (E.U.A.), Lúcio Costa (Brasil), Auguste Perret (França), Pierre Vago (França), Sir Patrick Abercrombie (Inglaterra) e Dudok (Holanda). A assembleia propôs, além destes o nome de Le Corbusier, que foi eleito por aclamação.

No Petit Palais de Paris estará aberta durante o mês de Maio uma grande exposição internacional de gravura contemporânea.

O Museu de Arte Moderna de Paris anuncia a próxima realização de exposições de escultura de Zadkine, Henry Moore e Laurens e de pintura de Léger, Matisse e Moreau.

Num artigo que fez sensação, o grande urbanista norte americano Lewis Mumford denunciou o novo bairro de Stuyvesant em Nova-York como «bairro da lata prefabricado».

INGLATERRA

40.000 anos de Arte Moderna—Uma das exposições mais interessantes e mais extraordinárias até hoje realizadas, acaba de ser organizada em Londres, no Academy Hall, pelo Instituto das Artes Contemporâneas: «40.000 anos de arte moderna: Comparação entre o primitivo e o moderno». O fim desta exposição era provar que a Arte ignora a noção de tempo e mostrar o parentesco entre a arte moderna e a dos «selvagens» de há 40.000 anos. Nela foram apresentadas cento e quarenta obras primitivas e oitenta pinturas, desenhos e esculturas modernas enviadas de todas as partes do Mundo. O Museu do Homem, em Paris, enviou uma cópia duma estatueta de mulher que se crê ser a mais antiga até hoje conhecida: a «Vénus de Lespugue», cujo original é demasiado frágil para poder ser transportado. Esta estatueta, que foi descoberta numa caverna do sul da França, calcula-se que tenha 40.000 anos. Entre os modernos encontravam-se obras de Gauguin, Paul Klee e Henry Moore, e o clou da exposição: «Les Femmes d'Alger», de Picasso, pintado em 1907. Este quadro foi emprestado pelo Museu de Arte Moderna de Nova-York e foi a primeira vez que saiu do museu. «Les Femmes d'Alger», que é o mais importante dos quadros cubistas, mostra a influência da escultura espanhola pre-histórica nas personagens da esquerda, e no lado direito formas que lembram as máscaras da África Ocidental. Foi nesta época (1907) que Picasso e os seus amigos se começaram a interessar pela escultura africana.

Homenagem a Hokusai—O Museu Britânico organizou uma exposição da obra do artista japonês Hokusai (1760-1849) para comemorar o centenário da sua morte (10 de Maio). Esta manifestação, que compreende gravuras em madeira, livros ilustrados e desenhos, estará aberta até meados de Maio de 1949. A obra do mestre Hokusai, duma pureza e duma grandeza impressionantes, pertence ao património estético da humanidade, da mesma forma que as de Dürer, Breughel, Rembrandt, Vinci, Goya, Delacroix ou Cézanne.

Reconstrução em Inglaterra—Segundo os últimos dados estatísticos comunicados pelo Ministério Britânico da Saúde Pública, tomam posse diariamente de habitações 700 famílias. Estas casas, construídas pelos Municípios, são alugadas somente a famílias modestas. Para que as rendas possam ser acessíveis ao maior número, tornou-se necessário reduzir as dimensões das dependências.

As casas de três quartos têm uma superfície de cerca de 70m² e dependências com as seguintes dimensões e áreas: sala comum: 4,5 × 4 (18m²) cosinha: 3,5 × 3 (10,5m²), um quarto com 4 × 3,5 (14m²) e dois quartos com 3,5 × 3 (10,5m²). Nas casas de dois quartos a sala comum mede 4 × 4 (16m²).

PAÍSES BAIXOS

A Prefabricação nos Países-Baixos—Terminou em Amsterdam a montagem de mil casas prefabricadas e estão a ser montadas mais 3.500. Na cidade sinistrada de Ede procede-se actualmente à montagem duma rua de vinte cinco casas prefabricadas, trabalho cuja duração não irá além de dois meses.

O município de Amsterdam propõe-se comprar na Finlândia quatro escolas de madeira. Os edifícios serão desmontáveis—podendo portanto ser transportados—e munidos de todo o conforto moderno. Serão colocadas ao todo no país cinquenta escolas deste tipo.

FRANÇA

Morte de Louis Barillet—Morreu há pouco o mestre vitralista francês Louis Barillet. Nascido em 1880 em Alençon, Barillet estudou pintura na Escola de Belas Artes de Paris sob a direcção de Gerôme, onde estudou também medalha. Depois interessou-se pela arte do vitral, realizou algumas obras antes de 1914 e a partir de 1920, de colaboração com Jacques Le Chevalier e Hansenne, tornou-se um dos primeiros artistas do vitral da França. Era membro fundador da U. A. M. (Union des Artistes Modernes) e membro da Comissão do Salon d'Automne.

As suas obras principais estão na Catedral de Luxemburgo e de Notre-Dame de Paris, na Trinité de Blois, em Saint-François d'Alençon, em Saint-Sauveur de Dinan e em numerosas igrejas do Norte da França e da Normandia.

A arte do vitral perde assim uma das suas grandes figuras.